

O comportamento das vogais na língua indígena Aikanã

Janaína Carvalho de Lima Silva¹

Patrícia Goulart Tondineli²

Resumo

Esta pesquisa advém de estudos do projeto *Línguas indígenas do Cone-Sul de Rondônia* e apresenta observações da pesquisa acerca do sistema vocálico da língua Aikanã, com exposição do quadro vocálico Aikanã mostrado por Vasconcelos (2002), por Silva (2012), por Storto (2019) e por transcrições realizadas a partir do mito indígena Tracajá (material áudio visual fornecido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi). De acordo com os estudos de Vasconcelos, diferentemente do uso feito pelos falantes do português brasileiro, as vogais no Aikanã transitam entre orais e nasais, alta, média e baixa, anterior não arredondada, central arredondada e não arredondada e posterior arredondada, fluuando entre alta, alta alta, menos alta, média, média média, média baixa, baixa e mais baixa. Segundo Vasconcelos (2002), a flutuação entre elas não depende de um condicionamento específico e há tendência de invasão vocálica da região média da cavidade oral, “espaços normalmente reservados para outros fonemas” (VASCONCELOS, 2002, p. 22). Para Silva (2012), a falta de estudos da língua sugere uma série de características fonológicas não definidas na língua Aikanã, pois as descrições das vogais que constam nos estudos anteriores registram de 5 a 6 vogais orais e 5 vogais nasais, o que não estabelece uma certeza. A partir das transcrições feitas, inicialmente, pudemos observar que, como propôs Silva (2012), a lei fonológica é duvidosa, pois, como ocorre com /o/, há uma flutuação constante entre [o] e [u], mas não há ocorrência de pares mínimos inegáveis entre esses alofones.

Palavras-chave: línguas indígenas; Aikanã; fonética; sistema vocálico.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/UNIR – pelo projeto de pesquisa *Línguas indígenas do Cone-Sul de Rondônia*. Acadêmica do curso de Letras da UNIR/campus de Vilhena.

² Professora-orientadora - UNIR. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) e do projeto de pesquisa *Línguas indígenas do Cone-Sul de Rondônia*.

The behavior of vowels in the indigenous language Aikanã

Abstract

This research comes from studies of the project *Línguas indígenas do Cone-Sul de Rondônia* and presents observations of the research on the vowel system of the Aikanã language, with exposure of the vowel painting Aikanã shown by Vasconcelos (2002), Silva (2012), Storto (2019) and by transcriptions made from the tracajá indigenous myth (visual audio material provided by the Emílio Goeldi Museum of Pará). According to Vasconcelos' studies, unlike the use made by Brazilian Portuguese speakers, vowels in Aikanã move between oral and nasal, high, medium and low, anterior unrounded, central rounded and unrounded and posterior rounded, floating between high, high high, less high, medium, medium average, low average, low and lower. According to Vasconcelos (2002), the fluctuation between them does not depend on a specific conditioning and there is a tendency of vowel invasion of the middle region of the oral cavity, "spaces normally reserved for other phonemes" (VASCONCELOS, 2002, p. 22). For Silva (2012), the lack of studies of the language suggests a series of phonological characteristics not defined in the Aikanã language, because the descriptions of vowels contained in previous studies record 5 to 6 oral vowels and 5 nasal vowels, which does not establish a Sure. From the transcriptions made, initially, we could observe that, as proposed by Silva (2012), the phonological law is dubious, because, as with /o/, there is a constant fluctuation between [the] and [u], but there is no occurrence of undeniable minimum pairs between these allophones.

Keywords: indigenous languages; Aikanã; phonetics; vowel system.

1 Introdução

A partir de revisão bibliográfica de estudos fonético-fonológicos realizados sobre as línguas indígenas brasileiras, tendo como foco, principalmente, a língua Aikanã e revisando o Alfabeto Fonético Internacional, com o fim de se familiarizar com os sons vocálicos não pertencentes à língua portuguesa, analisamos e fizemos transcrições fonéticas dos textos orais de parte do material já coletado e gravado pela equipe de pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, produzindo, assim, um banco de dados fonéticos da língua Aikanã para nos servir de referência.

Inicialmente, realizamos uma descrição dos segmentos vocálicos da língua Aikanã. Considerando as propriedades articulatórias do aparelho fonador, tomamos por base o trabalho de Ione Pereira Vasconcelos (2002), além de outros trabalhos sobre as línguas indígenas que permitissem detalhar a descrição dos fenômenos fonético-fonológicos registrados.

2 O estudo dos sons

Joaquim Mattoso Camara Jr. faz um breve relato histórico sobre as dificuldades dos estudos fonéticos e fonológicos em seu livro *Problemas de linguística descritiva* (2002). Segundo o autor, o primeiro passo a ser observado nos estudos descritivos para se estabelecer um sistema de língua é constatar quais sons vocálicos constroem suas formas elementares, que não são necessariamente reproduzidas pela escrita, pois, como na grafia simples do português, encontramos letras com dois valores sônicos, um som que é indicado por duas letras ou a combinação de duas letras produzindo um som uno, ou ainda uma letra

que pode mudar de som, dependendo do lugar em que ocupa no vocábulo (CAMARA JR., 2002, p. 13).

Como propôs Camara Jr. (2002), o estudo denominado Fonética, reconhecido no século XIX, observa os exercícios articulatórios e auditivos e se apoia na imagem gráfica específica para descrever seus resultados. Esse estudo teve início, no Brasil, a partir da influência de Gonçalves Viana, de Portugal, de maneira muito deficiente, pois faltava aos nossos gramáticos o domínio da técnica fonética. Posteriormente, Câmara Jr. refere-se a Saussure como inspiração para uma nova abordagem metodológica dos estudos fonéticos, principalmente nos Estados Unidos da América e na Europa, a partir do Círculo Linguístico de Praga, 1925, atraindo discípulos diretos e indiretos.

É importante destacar o novo cunho linguístico introduzido na Fonética, porque define que a unidade e a identidade de um som vocal não estão na realização da fala de modo uniforme, mas na caracterização de uma língua, ainda que com formas diferentes. Assim, segundo Camara Jr. (2002), o som vocal é o fonema, e a disciplina que o estuda é Fonologia. Desse modo, os sons vocais ou fonemas e suas variações devem ser descritos pela linguística.

Quanto a essas variações, existem duas espécies: (i) as variantes livres, que acontecem quando as consoantes variam em detrimento das vogais que as sucedem, como /l/ em lá, lei, lua, e (ii) as variantes posicionais, que são determinadas pelas posições das consoantes no contexto fonético, e delas dependem as formas corretas de interpretações, principalmente para o falante não nativo.

Nosso alvo de estudos é o quadro fonético-fonológico vocálico da língua Aikanã, que exporemos no subitem a seguir.

3 O sistema vocálico do Aikanã

Os segmentos vocálicos se formam pela passagem livre do ar pelo sistema fonador e são descritos levando-se em consideração os seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura (alta, média-alta, média-baixa, baixa) e posição da língua em termos de anterioridade e posterioridade, bem como de arredondamento ou não dos lábios, como expõe Thaís Cristófaró Silva (2003), *Fonética e Fonologia do português*, obra que nos auxilia no entendimento da ocorrência de tais eventos na língua Aikanã. Com seu apoio e procurando não incorrer nos problemas de descrever a língua, como fora dito por Camara Jr. (2002), nossas ponderações serão pautadas nas literaturas existentes sobre a língua Aikanã, a saber: Vasconcelos (2002), Silva (2012), Storto (2019), entre outros.

O Aikanã é uma língua isolada falada por aproximadamente 227 falantes nativos, conforme dados do censo populacional realizado em 2017 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A maioria dos falantes vive na Terra Indígena Tubarão Latundê, que está situada no município de Chupinguaia, ao sudeste do estado de Rondônia; entretanto, pelas poucas informações históricas que se encontram sobre esse povo, faz-se necessário recorrer à memória oral dos idosos para se tentar descrever o mais fielmente possível sua cultura e seu sistema linguístico.

Para que o sistema vocálico do Aikanã fique mais claro, inicialmente, trataremos algumas observações do português brasileiro, com o fim de servir de base para o estudo da língua Aikanã.

Quadro 1– Vogais orais

	Anterior		Central		Posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
alta	i	ɪ			u	ʊ
média- alta	e				o	
média- baixa	ɛ		ə		ɔ	
baixa			a			

Fonte: Adaptado de Thais Christófaros Silva (2019, p. 29).

Quadro 2– Vogais nasais

	Anterior		Central		posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
alta	ĩ				ũ	
média-alta	ẽ				õ	
média-baixa						
baixa			ã			

Fonte: Adaptado de Thais Christófaros Silva, (2019, p. 32).

Observando o português brasileiro, a primeira característica a ser elencada é a variação dos sons vocálicos, pois conhecemos cinco vogais (a, e, i, o, u) que se transformam fonologicamente, ao invés de dez vogais orais e cinco vogais nasais. As representações fonético-morfológicas dessas vogais podem ser vistas nos exemplos dados no Quadro 3.

Quadro 3 – Sistema vogais orais: representações fonético-morfológicas

Símbolo	Classificação	Exemplo	Transcrição
i	Vogal alta anterior não arredondada	vida	[ˈvida]
e	Vogal média-anterior não arredondada	cera	[ˈsera]
ɛ	Vogal média-baixa anterior não arredondada	vela	[ˈvela]
a	Vogal baixa central não arredondada	sala	[ˈsala]
ɔ	Vogal média-baixa posterior não arredondada	bola	[ˈbɔla]
o	Vogal média-alta posterior arredondada	sopa	[ˈsopa]
u	Vogal alta posterior arredondada	jura	[ˈʒura]
ɪ	Vogal alta anterior não arredondada frouxa	passé	[ˈpasɪ]
ʊ	Vogal alta posterior arredonda frouxa	passo	[ˈpasʊ]
ə	Vogal baixa central não arredondada frouxa	passa	[ˈpasə]

Fonte: Adaptado de Silva (2019, p. 29-32).

Quadro 4– Sistema vogais nasais: representações fonético-morfológicas

ĩ	Vogal alta anterior não arredondada nasal	cinto	['sĩtu]
ẽ	Vogal média anterior não arredondada nasal	cento	['setu]
ã	Vogal baixa central não arredondada nasal	santo	[sãtu']
õ	Vogal média posterior arredondada nasal	conto	['kõtu]
ũ	Vogal alta posterior arredondada nasal	mundo	['mũdu]

Fonte: Adaptado de Silva (2019, p. 32-34).

Apresentados os quadros referentes ao sistema vocálico do português brasileiro, a seguir, passaremos às questões referentes às línguas indígenas.

Segundo Storto (2019), os exemplos mais populares da fonética vocálica das línguas indígenas brasileiras, identificando traços de anterioridade, posterioridade e altura é o sistema /i, i, u, e, ə, ɜ, ɔ, a/. Como se pode observar, as línguas indígenas possuem variações consideráveis em relação ao português brasileiro. Nas palavras de Storto:

Uma característica encontrada nos sistemas vocálicos das línguas brasileiras é que vogais anteriores são mais comuns que vogais posteriores. A vogal alta posterior /u/ é um alofone de /o/ em algumas subfamílias de línguas Tupi. Uma língua Yanomami (Yanam) perdeu o /u/ e há sistemas fonológicos formados por três, quatro e cinco vogais sem o /u/. Além disso, a vogal central alta / i/ está quase sempre presente nos sistemas fonológicos das línguas brasileiras. (STORTO, 2019, p. 134).

Entrando agora especificamente em nosso objeto de estudo, a língua indígena Aikanã, e focando nas vogais orais, Joshua Birchall

(apud STORTO, 2019, p. 145) propõe que o inventário do Aikanã seja composto por /i/, /u/, /e/ e /a/.

Vasconcelos (2002), por sua vez, fala das diversas possibilidades fonéticas, tanto para as vogais orais (/i/, /e/, /ö/, /a/ /u/ /o/) quanto para as vogais nasais (/ĩ/, /ɛ/, /ã/, /ũ/), o que já nos coloca em uma situação de desencontro de ideias, pois, para Joshua Birchall (apud STORTO, 2019, p. 145), o quadro vocálico do Aikanã não possui a vogal posterior arredonda /o/, sendo composto de 4 vogais, como ilustrado no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Sistema vocálico do Aikanã: Joshua Birchall

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média	e		
Baixa		a	

Fonte: Adaptado de Joshua Birchall
(apud STORTO, 2019, p. 146).

Ainda temos outra contradição observada nas literaturas por nós analisadas e utilizadas como fundamentação teórica deste trabalho. Lincoln Almir Amarante Ribeiro e Gláucia Vieira Cândido, em “O comportamento fonológico das vogais orais nas línguas indígenas brasileiras” (2006), artigo publicado na revista *Revel*, ao observarem as características fonológicas de diversas línguas indígenas, estabeleceram uma tabela na qual consta que o Aikanã tem a seguinte estrutura fonológica de vogais orais: /i/, /u/, /e/, /ø/, /o/, /a/. Como se pode observar, Lincoln Almir Amarante Ribeiro e Gláucia Vieira Cândido descrevem seis vogais orais, as quais não correspondem ao descrito por Vasconcelos (2002), mesmo que o sistema vocálico oral contenha

número igual de vogais, nem ao estudo de Birchall (apud STORTO, 2019).

Em Silva (2012), vemos que o sistema vocálico do Aikanã é formado por seis vogais orais (/i/, /ε/, /y/, /ø/, /a/, /u/) e cinco vogais nasais (/ĩ/, /ẽ/, /ỹ/, /ũ/, /ã/), também em desacordo com os teóricos anteriormente citados.

Sintetizando os estudos sobre o sistema vocálico da língua Aikanã, propusemo-nos a elaborar um quadro comparativo, o qual se apresenta a seguir.

Quadro 6 – Estudo comparativo do sistema vocálico do Aikanã

	Anterior		Central		Posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
Alta		i ³⁴⁵⁶			u ³⁴⁵⁶	
Média-alta	y ³		ø ⁶			
Média		e ⁵⁶	ö ³			
Média-baixa		ε ⁴			o ⁴	
Baixa		ε ³	a ³⁴⁵⁶		o ¹⁴	

Fonte: Dados da pesquisa.

Pelos dados expostos no Quadro 6, podemos verificar a controvérsia existente entre os pesquisados quanto ao sistema vocálico oral da língua Aikanã. Das nove possibilidades vocálicas elencadas⁷, apenas três delas (/i, a, u/) são consenso entre Vasconcelos (2002),

³ Vasconcelos (2002).

⁴ Silva (2012).

⁵ Birchall (apud STORTO, 2019).

⁶ Ribeiro e Cândido (2006).

⁷ Esclarecemos aqui que, para simplificar, tratamos média-baixa /ε/ e baixa /ε/ como um só som, fazendo o mesmo em relação à média-baixa /o/ e baixa /o/

Ribeiro e Cândido (2006), Silva (2012) e Birchall (apud STORTO, 2019).

Para tentar nos ajudar na melhor visualização do quadro vocálico da língua Aikanã, trazemos agora alguns dados preliminares de nossas transcrições, realizadas a partir de *O Tracajá*, material audiovisual fornecido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi.

Tendo em vista a complexidade do quadro vocálico da língua e a morosidade do trabalho do pesquisador para se obter bons resultados, esclarecemos que os dados elencados a seguir não são conclusivos e podem estar sujeitos a revisões. Do mesmo modo, explicamos que, em relação às vogais nasais, nossos estudos ainda estão em andamento.

A partir, então, das transcrições realizadas, obtivemos os seguintes resultados em relação às vogais orais: /e/ e /a/, em /e'na/; /a/ e /i/, em /ka'li/; /u/, /ε/, /a/ e /y/, em /kuɛzay'ε/; e, em /piɫ/, /i/. Tais dados iniciais resultam, por conseguinte, no quadro vocálico oral da língua Aikanã dado a seguir.

Quadro 7 – Sistema vocálico oral do Aikanã: quadro demonstrativo

	Anterior		Central		Posterior	
	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.
Alta	y	i	i		u	
Média-alta		e				
Média						
Média-baixa						
Baixa		ε	a			

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do Quadro 7, vemos maior semelhança com o que propôs Silva (2012) – mesmo que não sejam exatamente iguais, os sistemas

concordam coincidentemente sobre a ocorrência do maior número de sons vocálicos.

Além disso, e em consonância ao que expôs Storto (2019), o inventário do Aikanã se apropriou da vogal central alta não arredonda /i/, som que quase sempre está presente nos sistemas fonológicos das línguas brasileiras.

4 Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo de apresentar as discrepância entre os teóricos estudiosos da língua Aikanã no que tange ao estudo do seu quadro vocálico, não apenas para identificá-las e apresentá-las, mas para que, ao fim de nossas pesquisas, possamos, com o auxílio dos falantes do Aikanã, pontuar qual quadro fonético mais se aproxima, efetivamente, dos sons dessa língua originária.

É importante dizermos que possivelmente as discrepâncias por nós encontradas podem ser em decorrência de fatores como a mudança do quadro fonológico internacional, os espaços de tempo entre os estudos por nós utilizados e, até mesmo, as influências sofridas pelos empréstimos do português.

É preciso destacar que este estudo não é conclusivo, pois acreditamos e entendemos a complexidade e a seriedade necessárias para se estabelecer um quadro fonológico de uma língua, porque, além de sua construção fonológica, deve-se levar em consideração todo o contexto histórico e social de um povo, neste caso, dos Aikanã.

Referências

ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (IPA). Disponível em: <<http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>> Acesso em: 27 out. 2019.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O comportamento fonológico das vogais orais nas línguas indígenas brasileiras. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*, v. 4, n. 7, ago. 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_o_comportamento_fonologico_das_vogais_orais_nas_linguas_indigenas_brasileiras.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Maria de Fátima dos Santos da. *Dicionário de raízes da língua Aikanã*. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Departamento de Letras e Pedagogia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2012.

STORTO, Luciana. *Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

VASCONCELOS, Ione Pereira. *Aspectos da fonologia e morfologia da língua aikanã*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.